



O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO: SUA CONSTITUIÇÃO E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

THE (AUTO)BIOGRAPHIC METHOD: ITS CONSTITUTION AND SCIENTIFIC PRODUCTION

Daniel Markowicz - UNINTER – Curitiba – PR - Brazil
E-mail: nielwicz@gmail.com

Jorge Balsan – UFPR – Curitiba – PR - Brazil
E-mail: Jorge.balsan@gmail.com

José Simão de Paula Pinto - UFPR – Curitiba – PR - Brazil
E-mail: simao@ufpr.br

Rosane Balsan – UFT – Porto Nacional – TO - Brazil
E-mail: rosanebalsan@uft.edu.br

RESUMO

O método (auto)biográfico é uma ferramenta valiosa para pesquisa e formação, permitindo que os indivíduos revelem suas trajetórias de vida, aprendizados e promovendo (auto)reflexão e transformação. Este artigo teve como objetivo explorar o método (auto)biográfico, sua composição e contribuição para quem o utiliza. Utilizando a pesquisa bibliográfica, o trabalho sistematizou ideias de teóricos na área, apresentando as potencialidade e desafios do método nas ciências humanas e sociais e no campo da Educação. A revisão mostrou que o método é auto formativo, relevante para aquisição de competências e habilidades. Conclui-se que além de ser uma ferramenta de pesquisa, o método (auto)biográfico é um instrumento de formação de conhecimento que aprofunda a compreensão do desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: (auto)biografia; ferramenta de pesquisa; formação docente; narrativa; processo formativo.

ABSTRACT

The (auto)biographical method is a valuable tool for research and education, allowing individuals to reveal their life trajectories, learnings, and promoting (self)reflection and transformation. This article aimed to explore the (auto)biographical method, its composition, and its contribution to those who use it. Utilizing bibliographic research, the work systematized ideas from theorists in the field, presenting the potentialities and challenges of the method in the humanities and social sciences, as well as in the field of Education. The review demonstrated that the method is self-formative, relevant for acquiring competencies and skills. It can be concluded that, beyond being a research tool,

the (auto)biographical method is an instrument for knowledge formation that deepens the understanding of personal development.

Keywords: (auto)biography; search tool; teacher formation; narrative; formative process.

INTRODUÇÃO

A produção de conhecimento ocorre por meio da contínua troca de experiências, saberes e conhecimentos construídos pelos sujeitos nos distintos contextos em que estão inseridos. Esse compartilhamento promove a construção e reconstrução de saberes e aprendizados e a ciência é fruto dessa realidade cotidiana.

A produção do conhecimento científico não está desvinculada da história, pelo contrário, é resultado dela. E a história é construída a partir das histórias dos sujeitos em sociedade. E assumir essa premissa significa aceitar que a ciência é subjetiva.

Para isso, o desenvolvimento da capacidade de reflexão do sujeito é essencial, pois cria condições para questionar, refletir e reconfigurar seus conceitos, valores e práticas e oferece oportunidades para sua formação. Compreende-se, portanto, que não se possa falar de formação que nada tenha a ver com reflexão, pois é esta capacidade que confere ao sujeito a possibilidade de modificar e transformar o seu estado pessoal, profissional ou social.

Assim, o método (auto)biográfico representa uma importante ferramenta de pesquisa e formação, pois possibilita ao sujeito se revelar por meio de um olhar sobre suas trajetórias de vida, leva-o à (auto)reflexão e, assim, à transformação, vindo a se tornar ato formativo. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca do método (auto)biográfico, o que o compõe e como ele pode agregar conhecimento para quem descreve através de sua experiência no momento da descrição, bem como através da reflexão e de quem dela se apropria.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, a qual busca um diálogo constante com os teóricos que atuam no tema a fim de sistematizar suas ideias e correlaciona-las com o tema desta pesquisa.

METODOLOGIA

No presente estudo adotou-se a pesquisa exploratória e descritiva, onde a pesquisa exploratória visou construir um referencial teórico concreto para elucidar os temas e subtemas envolvidos no tema central do trabalho: o método (auto)biográfico e sua relevância nas ciências da educação. Já a pesquisa descritiva foi utilizada para obter uma análise do objeto de estudo, observando dados qualitativos neste trabalho não há dados quantitativos ou levantamentos estatísticos (Estrela, 2018).

Para isso, começamos definindo o tema e escopo seu artigo. Assim, foi delineado as áreas da literatura acadêmica, nesse caso, ciências humanas e sociais com enfoque na Educação. Realizou-se uma revisão preliminar da literatura relevante sobre o tema escolhido. Isso nos ajudou a identificar as principais tendências, teorias, debates e lacunas na área. Os critérios para selecionar os materiais bibliográficos que seriam incluídos neste artigo, foram: identidade e subjetividade, cultura e sociedade e construção de significados. Ou seja, o material consultado acerca dessas temáticas e também de artigos que trouxessem o debate acerca do método.

A organização do conteúdo seguiu o padrão da revista. Por fim, buscou-se apresentar lacunas na literatura existente ou tendências emergentes que podem ser relevantes para o seu artigo.

Ao usar a pesquisa bibliográfica, seguiu-se o padrão de busca por meio de material já elaborado, de diferentes metodologias, conforme Pizzani et al. (2012, p. 54) sinaliza

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Quanto à sua abordagem, esta pesquisa classifica-se como uma pesquisa qualitativa, com o intuito de analisar um tema a partir da descrição e da discussão dos elementos de análise.

O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO

De acordo com Nóvoa e Finger (2010), o uso do método (auto)biográfico nas ciências da educação é relativamente recente. Essa perspectiva metodológica surgiu inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica ao positivismo. Foi aplicada pela primeira vez de forma sistemática em 1920 por sociólogos americanos da Escola de Chicago, o que gerou controvérsias em torno de sua epistemologia. Desde então, seu uso autônomo tem sido defendido por estudiosos do método.

Ferraroti (2010) destaca-se como um dos investigadores que promovem a autonomia do método biográfico. Ele considera que as narrativas biográficas por si só são suficientes para embasar pesquisas legítimas e ressalta a importância da renovação metodológica. Frente às críticas à objetividade das metodologias positivistas, surgiu uma alternativa: o método biográfico. As explicações amplas e estruturais, apoiadas em categorias demasiadamente genéricas, não satisfaziam as expectativas dos pesquisadores nem dos sujeitos em estudo.

Nesse cenário, o uso de narrativas biográficas atende a duas necessidades fundamentais. Primeiramente, atende à urgência de reenergizar a metodologia, em resposta à crise das ferramentas heurísticas na área da Sociologia. Mesmo com avanços técnicos, as abordagens anteriores não proporcionavam uma compreensão substancial do âmbito sociológico, contribuindo para o crescente interesse no método biográfico. Adicionalmente, o método biográfico responde à demanda por uma nova abordagem no contexto do "capitalismo avançado". Ou seja, uma perspectiva capaz de proporcionar uma compreensão mais profunda da vida cotidiana, incluindo suas complexidades e contradições.

Como resultado, o método biográfico se consolidou como a ciência das mediações, com a capacidade única de interpretar comportamentos individuais ou microsociais, contribuindo para um entendimento mais profundo das complexidades humanas em meio às dinâmicas sociais contemporâneas.

Isto posto, precisamos explicitar as diferenças e processo do método biográfico e/ao método autobiográfico. São duas abordagens distintas usadas em pesquisa e escrita para explorar histórias de vida e experiências pessoais. O método biográfico envolve a coleta e análise de informações sobre a vida de uma pessoa por meio de fontes externas, como documentos históricos, registros, entrevistas com outras pessoas e outros materiais relacionados à vida da pessoa em questão. Os pesquisadores que utilizam o método biográfico geralmente não contam com a perspectiva direta da pessoa em foco. Em vez disso, eles montam uma narrativa baseada em fontes externas para descrever a vida dessa pessoa.

No método (auto)biográfico, buscamos dar ênfase à perspectiva pessoal da própria pessoa cuja vida está sendo explorada. Neste método, a pessoa escreve ou relata sua própria história de vida, muitas vezes na primeira pessoa, compartilhando suas experiências, pensamentos e emoções diretamente. Podemos considerar que houve um processo para chegar ao método (auto)biográfico e esse foi influenciado por mudanças na pesquisa acadêmica e na literatura. Os autores começaram a escrever suas próprias histórias de vida, dando voz às suas experiências únicas e subjetivas. A tecnologia também desempenhou um papel importante nessa evolução, com mais pessoas sendo capazes de documentar suas vidas por meio de blogs, diários online, mídias sociais e outros meios digitais.

A transição do método biográfico para o método (auto)biográfico representa uma mudança na ênfase da pesquisa histórica e na narrativa pessoal. O método (auto)biográfico permite que as pessoas compartilhem suas próprias histórias e perspectivas de uma maneira mais direta e pessoal, enquanto o método biográfico tradicional depende de fontes externas para construir a narrativa de uma vida. Ambos os métodos têm valor na pesquisa e na compreensão das experiências humanas, e a escolha entre eles depende dos objetivos do pesquisador e do contexto da pesquisa.

Um dos objetivos da pesquisa (auto)biográfica é assegurar que a subjetividade que confere o sentido dessas experiências vividas não permaneça marginalizada durante o processo de sua constituição, como acontece dentro uma episteme positivista. O ser

humano está no centro da pesquisa (auto)biográfica, pois o sujeito que conta de si realiza o processo de reflexão sobre suas experiências (FERRAROTI, 2010).

Dessa forma, o método (auto)biográfico traz experiências de formação únicas e inigualáveis, e as percepções sobre os fatos são subjetivas Frison e Veiga Simão (2011, p. 198) asseguram que:

O centro da pesquisa autobiográfica encontra-se no ser humano que, em diferentes contextos e situações, autobiografa-se, quer narrando fatos de sua vida, quer refletindo sobre seu processo de autoformação. A pessoa, ao narrar, narra-se e, ao fazê-lo, ressignifica experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado.

Esse método coloca a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito no centro do processo, permitindo que ele desenvolva técnicas de emancipação e empoderamento para superar as interpretações culturais excludentes que o afligem. No entanto, apropriar-se da própria vida é um método poderoso, principalmente porque não há como pesquisar de forma neutra, afinal as pessoas são determinadas por posições pessoais sobre tudo e isso se reflete com a mesma clareza na forma como elas pesquisam (Nóvoa; Finger, 2014).

Neste sentido, o método (auto)biográfico configura-se como uma forma de pesquisa em que, segundo Abrahão (2006), o sujeito se expõe, para si, e se revela aos outros, como uma história autorreferencial cheia de sentido. O método (auto)biográfico possibilita resgatar a história de vida, percurso formativo, pois envolve a memória das experiências vividas, sua manifestação e interpretação por meio de narrativas que ressignificam essas experiências. Assim, no presente, os acontecimentos vivenciados passam por um processo de reconfiguração, pois quando contados em um contexto e período de vida diferente, novos significados são atribuídos a eles, de acordo com as intenções e desejos do momento exato da narração (Ferraroti, 2010; Nóvoa, Finger, 2014).

Nesse sentido, Ferraroti (2010) destaca que todo ser humano carrega dentro de si uma história composta por uma série de interações definidas no meio familiar, social e cultural que intervêm em seu processo de construção como pessoa. Dessa forma, os valores, costumes, ideias, comportamentos e práticas, sejam sociais, pessoais ou

profissionais, são tidas como referências do contexto e das relações vividas e construídas.

As histórias de vida representam um meio de conhecimento e reflexão sobre as vivências do sujeito, sobre os aspectos históricos, sociais, econômicos e educacionais por ele vivenciados, que são de grande importância para seu processo formativo e para constituição de sua identidade (Ferraroti, 2010). Nóvoa e Finger (2014) mostram que as histórias de vida, as vivências, as experiências e os contextos sociais, culturais e institucionais em que o sujeito esteve/será inserido são fundamentais para o seu processo de formação, e conseqüentemente para produção de conhecimento.

Além de ser um dos métodos de pesquisa mais importantes, a pesquisa (auto)biográfica também é interpretada como um meio que possibilita ao sujeito se revelar, ou seja, levá-lo a (auto)questionar, a refletir sobre sua condição, suas ações, seus conceitos, que se configuram assim em um processo de formação (Pizzani *et al.*, 2012). O método (auto)biográfico possibilita esse acesso a autoformação.

A autoformação e a formação docente são conceitos importantes na área da educação, envolvendo o desenvolvimento contínuo de competências e habilidades tanto por parte dos educadores como dos educandos. A autoformação refere-se ao processo de aprendizado contínuo e autônomo que um indivíduo busca ao longo de sua vida. De acordo com Paulo Freire, "a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Freire, 1996). Isso destaca a importância da autoformação como uma busca constante por conhecimento e crescimento pessoal que pode influenciar positivamente a sociedade como um todo.

A formação docente, por outro lado, refere-se ao conjunto de experiências e práticas de aprendizado que os educadores passam para se prepararem para a atuação em sala de aula. Segundo Nóvoa, a formação de professores não se constrói apenas através de uma acumulação de conhecimentos e competências técnicas, mas também através de um compromisso ativo com a escola e a comunidade (Nóvoa, 1992). Isso ressalta a importância não apenas do conhecimento teórico, mas também da participação ativa e da conexão com a realidade da escola e da comunidade. E a escrita

sobre essas experiências são fundamentais para que o sujeito reflita sobre sua prática, mas o método em si pode ser compreendido de outras formas.

De acordo com Freitas & Ghedin (2015), o "método (auto)biográfico" ou "histórias de vida" são vistos como sinônimos, pois possuem os mesmos princípios. No entanto, Dominice & Josso (2014) consideram as "Biografias educativas" como narrativas focadas na formação e aprendizado do autor, e não as classificam como "auto", já que o iniciador da narrativa é o pesquisador, dentre outras denominações utilizadas.

Com o intuito de elucidar a singularidade do método biográfico, Ferrarotti (2002) oferece dois tipos de materiais que podem ser empregados: os materiais biográficos primários, como narrativas e relatos autobiográficos coletados por um pesquisador, geralmente por meio de entrevistas presenciais; e os materiais biográficos secundários, abrangendo uma variedade de fontes, como correspondências, diários, várias narrativas, documentos oficiais, fotografias, entre outros.

Assim, as narrativas (auto)biográficas surgem como ferramentas cruciais para a exploração da formação docente, uma vez que destacam a dimensão subjetiva do indivíduo, delineando sua trajetória formativa e experiências pessoais. Tais fatores têm impulsionado cada vez mais pesquisadores a abraçar esses métodos, especialmente nas áreas das ciências sociais. De acordo com Santos & Garms (2014), a aplicação desse enfoque não apenas contribui para a educação, introduzindo novas perspectivas e conhecimentos, mas também coloca o indivíduo no papel central de sua própria formação e do processo investigativo. Ademais, os autores oferecem uma visão sobre as várias oportunidades que as abordagens (auto)biográficas abrem para a pesquisa.

Neste sentido, segundo Galvão (2005), dentro do contexto de formação de professores, é possível identificar diversas categorias de narrativas, incluindo:

a) Narrativas de crítica social: elas surgem a partir da experiência profissional e têm o propósito de discutir e compreender o papel histórico da escola e dos educadores diante das desigualdades sociais.

b) Narrativas de aprendizagem: essas narrativas fornecem aos professores em início de carreira informações e *insights* sobre a profissão que estão adentrando.

c) Narrativas de práticas reflexivas: baseadas na capacidade dos professores de refletir, questionar e transformar suas abordagens diárias, essas narrativas estimulam a evolução contínua da prática docente.

d) Narrativas sobre trajetórias: este tipo de narrativa engloba todas as outras categorias, incentivando os professores a refletir sobre seu passado e projetar suas metas futuras.

e) Narrativas de esperança: elas reforçam para os educadores o significado e o propósito da educação, que é impactar positivamente a vida de outras pessoas.

f) Narrativas de liberdade: essas narrativas exploram a capacidade de modificar práticas tradicionais de ensino para atingir objetivos que outrora pareciam inatingíveis.

Mota (2016) explora em sua pesquisa como as narrativas (auto)biográficas se estabelecem como a base da reflexão formativa, dando início a um processo de formação, autoformação e ecoformação. Uma proposta construída por Pineau e citada por Bragança (2011), faz referência a uma teoria de formação humana tripolar que engloba os aspectos de autoformação, heteroformação e ecoformação. No âmbito da autoformação, há uma dimensão pessoal de reflexão que envolve a revisitação do passado à luz das questões do presente, permitindo a construção de projetos futuros. A heteroformação abrange a influência significativa de outros indivíduos ao longo da nossa jornada, pessoas de quem aprendemos e a quem ensinamos. Já a ecoformação se concentra na nossa relação com o mundo, nosso trabalho e a cultura circundante (Bragança, 2011).

Dentro dessa abordagem, Mota (2016) empreende uma pesquisa-formação com base nas concepções que enfatizam as narrativas (auto)biográficas como uma abordagem formativa que coloca o sujeito e sua subjetividade no centro. Ele argumenta que a abordagem (auto)biográfica oferece ao sujeito a oportunidade de se tornar consciente de si mesmo e de suas aprendizagens por meio das experiências vividas, incentivando a reflexão sobre práticas e promovendo uma reavaliação das trajetórias de formação.

Cabe destacar neste artigo que as narrativas entram como uma metodologia no método (auto)biográfico. As narrativas de vida estão sempre inextricavelmente

enraizadas no contexto sócio-histórico. Uma voz singular em uma narrativa só pode ser verdadeiramente compreendida em relação a esse complexo sistema de referências.

Bolívar *et al.* (2001) delineiam características essenciais das narrativas, entre as quais se destacam: a) a temporalidade e a narração se amalgamam em uma totalidade na qual o tempo é um componente intrínseco do significado; b) as narrativas individuais e culturais estão interligadas. A experiência humana, tanto pessoal quanto social, possui uma natureza temporal, cujo caráter é articulado através da narrativa, especialmente quando se esclarece a dualidade entre "tempo cronológico" e "tempo fenomenológico". Destaca-se neste texto a relação entre tempo e narrativa em Paul Ricoeur, pois seu segmento epistêmico permite o diálogo com o método (auto)biográfico. Para Ricoeur a relação entre tempo e narrativa é apresentada em uma tríplice dimensão, onde o presente, o passado e a expectativa do futuro se entrelaçam (Ricoeur, 1995). A visão em três dimensões do tempo narrativo também encontra eco no tempo concebido e experimentado, revelando ambiguidades e até mesmo contradições entre essas três dimensões: passado, presente e futuro.

O método (auto)biográfico é fundamentado principalmente na epistemologia construcionista e interpretativa. Ele se baseia na compreensão de que a realidade não é objetiva e estática, mas sim construída através das experiências e interpretações individuais dos sujeitos. A epistemologia construcionista enfatiza a importância das perspectivas subjetivas na construção do conhecimento e na compreensão dos fenômenos.

Alguns dos principais autores associados a essa abordagem são: Jean Piaget - conhecido por sua teoria do desenvolvimento cognitivo, que enfoca como as crianças constroem o conhecimento ao interagir com o ambiente e assimilando novas informações às estruturas mentais existentes. Ernst von Glasersfeld - desenvolveu a teoria da aprendizagem radical construcionista, enfatizando a importância da atividade mental individual na construção do conhecimento e argumentando que o conhecimento é subjetivo e baseado nas experiências pessoais. Jerome Bruner - contribuiu com a teoria da aprendizagem por descoberta, destacando a importância da construção ativa do conhecimento pelo aluno, em oposição à simples transmissão de informações.

Além de Kenneth Gergen - é conhecido por sua abordagem do construcionismo social, que explora como a realidade é coconstruída por meio das interações sociais e discursos compartilhados. Paul Watzlawick - um dos fundadores da teoria da comunicação humana, ressaltando a importância da linguagem e das interações interpessoais na construção do significado e do conhecimento. John Dewey - que enfatizou a aprendizagem por meio da experiência e da interação ativa com o ambiente, destacando como o conhecimento é construído a partir das experiências práticas; e, Lev Vygotsky – que embora sua teoria seja frequentemente associada ao construtivismo, Vygotsky também contribuiu para as ideias construcionistas, enfocando como a interação social e a linguagem desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento.

A formação docente desempenha um papel fundamental na metodologia (auto)biográfica quando se trata da manifestação de histórias de vida de alunos ou de professores. Ela pode influenciar de maneira positiva a metodologia (auto)biográfica de diversas maneiras, e considerarmos as seguintes:

1. Desenvolvimento de Competências Reflexivas: a formação docente muitas vezes enfatiza o desenvolvimento de habilidades de reflexão crítica e autoconhecimento. Isso pode capacitar os futuros professores a se engajarem de maneira mais significativa na metodologia (auto)biográfica, uma vez que eles estarão mais aptos a analisar e interpretar suas próprias experiências de vida e a relacioná-las à prática pedagógica.

2. Compreensão das Experiências do Aluno: uma formação docente sólida também ensina os professores a compreenderem melhor as experiências de seus alunos. Isso é essencial para a metodologia (auto)biográfica, já que os professores podem usar sua própria formação para se colocarem no lugar dos alunos e entenderem melhor as necessidades e perspectivas dos estudantes.

3. Construção de Narrativas Educativas: os professores podem aprender a construir narrativas educativas significativas durante a formação docente. Isso os ajuda a articular suas próprias histórias de vida de uma maneira que seja relevante para o

contexto educacional e que possa servir como recurso valioso para o ensino e a aprendizagem.

4. Integração de Experiências Pessoais na Prática Pedagógica: a formação docente bem estruturada pode ajudar os professores a integrar suas experiências pessoais de maneira ética e eficaz na sala de aula. Isso envolve a compreensão de como suas próprias histórias de vida podem ser usadas para enriquecer o ambiente de ensino, tornando-o mais inclusivo e significativo para os alunos.

5. Fomento da Empatia e da Conexão com os Alunos: a formação docente pode enfatizar a importância da empatia e da criação de conexões significativas com os alunos. Professores bem formados são mais propensos a usar a metodologia (auto)biográfica para estabelecer vínculos mais fortes com os alunos, uma vez que compreendem a importância de compartilhar experiências e histórias de vida.

A formação docente pode contribuir de forma positiva para a metodologia (auto)biográfica, tanto no que diz respeito às histórias de vida dos alunos quanto dos professores, promovendo uma educação mais inclusiva e centrada no aluno.

No método (auto)biográfico, os pesquisadores buscam explorar e compreender as narrativas pessoais e as histórias de vida dos indivíduos. Isso envolve não apenas coletar informações factuais, mas também interpretar as experiências e os significados atribuídos a elas pelos próprios sujeitos. Essa abordagem está alinhada com a epistemologia interpretativa, que reconhece a natureza subjetiva e contextual do conhecimento.

A teoria interpretativa abrange diversas áreas de conhecimento, incluindo filosofia, sociologia, antropologia, literatura e ciências sociais. Alguns dos principais autores que desenvolveram pesquisas pela epistemologia interpretativa foram: Clifford Geertz: - um antropólogo cultural conhecido por sua abordagem interpretativa da antropologia. Ele enfatizou a importância de entender as práticas culturais dentro de seus contextos locais e simbólicos, introduzindo o conceito de "descrição densa". Max Weber - um sociólogo e filósofo, destacou a importância da compreensão interpretativa Verstehen na análise das ações sociais, ele explorou como as ações individuais e os significados subjacentes influenciam os processos sociais.

Alfred Schütz - filósofo e sociólogo austríaco que contribuiu para a teoria interpretativa ao desenvolver a fenomenologia social. Ele investigou a construção de significados subjetivos e a maneira como os indivíduos interagem com o mundo social. Erving Goffman - um sociólogo, que concentrou-se na interação social e na dramaturgia social. Ele explorou como as pessoas se apresentam em diferentes situações sociais e como a interação é moldada por papéis e expectativas. Richard Rorty - filósofo pragmatista, Rorty enfatizou a importância da interpretação nas ciências humanas e defendeu uma abordagem pós-metafísica da filosofia. Ele explorou como a linguagem e as interpretações moldam nossa compreensão do mundo (BARREIRA, 2020).

Além desses, Stanley Fish é um renomado crítico literário que aplicou abordagens interpretativas à literatura. Ele enfatiza que a interpretação é inerentemente subjetiva e influenciada pelo contexto cultural e histórico. Paul Ricoeur, além de suas contribuições para a hermenêutica, também influenciou a teoria interpretativa. Ele explorou a narrativa, a linguagem e a ética na interpretação. Wolfgang Iser - teórico da literatura focou na relação entre o texto e o leitor, explorando como os leitores preenchem lacunas na narrativa para construir significado; e Stanley Rosen - filósofo que explorou a relação entre a filosofia e a interpretação literária, enfatizando a importância de considerar a dimensão interpretativa nas obras filosóficas. Esses autores têm influenciado o entendimento da interpretação nas ciências humanas e sociais.

Os autores mencionados têm contribuições significativas para o entendimento da interpretação e da epistemologia interpretativa em diversas áreas do conhecimento, incluindo a formação docente e a prática docente, bem como a metodologia (auto)biográfica, podemos exemplificar alguns deles.

Geertz enfatizou a importância de entender as práticas culturais dentro de seus contextos locais e simbólicos. Essa ênfase na contextualização e na compreensão das complexidades culturais pode ser aplicada à formação docente, incentivando os educadores a considerar os contextos culturais e sociais de seus alunos.

Weber destacou a importância da compreensão interpretativa (Verstehen) na análise das ações sociais. Isso pode ser relevante para a formação docente, pois os

professores precisam entender as motivações e os significados subjacentes ao comportamento dos alunos.

Schütz contribuiu para a teoria interpretativa ao explorar a construção de significados subjetivos. Isso é relevante para a formação docente, pois os professores precisam entender como os alunos constroem significados e interpretam informações.

Goffman concentrou-se na interação social e na dramaturgia social. Isso pode ser aplicado à formação docente ao ajudar os educadores a compreenderem como se apresentam em diferentes situações educacionais e como as interações são moldadas por papéis e expectativas.

Rorty em sua abordagem pós-metafísica destaca a natureza subjetiva da interpretação. Isso pode encorajar os professores a reconhecerem a subjetividade em sua própria narrativa de vida e na forma como interpretam as experiências dos alunos. Na formação docente, isso pode promover uma abordagem mais reflexiva e crítica.

Na metodologia autobiográfica, os professores podem analisar como suas próprias histórias de vida influenciaram seus valores, crenças e percepções, impactando sua abordagem educacional. Isso também os leva a refletir sobre suas ações na sala de aula, aprofundando sua compreensão de suas práticas pedagógicas. Além disso, as abordagens, segundo os autores citados, ajudam os professores a considerar suas influências culturais e contextuais, enriquecendo sua compreensão das experiências dos seus alunos, em um processo dialógico.

Além disso, o método (auto)biográfico também incorpora elementos da epistemologia hermenêutica, que se concentra na interpretação e na compreensão dos significados subjacentes às experiências humanas. A hermenêutica enfatiza a importância da interpretação mútua entre o pesquisador e os participantes, reconhecendo que o significado de uma narrativa não é algo fixo, mas sim coconstruído através do diálogo e da interação.

A epistemologia hermenêutica enfoca a interpretação e compreensão dos significados subjacentes nas interações humanas, textos e contextos. Alguns dos principais autores associados a essa abordagem incluem: Hans-Georg Gadamer - que é frequentemente considerado um dos principais expoentes da hermenêutica filosófica.

Ele desenvolveu a ideia de que a interpretação é um diálogo contínuo entre o leitor e o texto, e enfatizou a importância dos preconceitos e da fusão de horizontes na compreensão. Martin Heidegger - que influenciou fortemente a hermenêutica contemporânea com sua abordagem fenomenológica da interpretação. Ele explorou como as estruturas da linguagem e do ser afetam a compreensão do mundo. Wilhelm Dilthey - considerado um precursor da hermenêutica moderna, Dilthey defendeu a importância da compreensão empática para a interpretação de textos históricos e culturais, assim como para a compreensão da vida humana em geral.

Assim, Gadamer, Ricoeur e Derrida, entre outros, também influenciaram a hermenêutica pós-moderna, que examina as limitações da interpretação e os desafios do relativismo cultural. Esses autores representam algumas das vozes proeminentes na epistemologia hermenêutica, e suas contribuições têm impactado profundamente as áreas de filosofia, ciências humanas e interpretação textual.

O método (auto)biográfico é enraizado em uma epistemologia construcionista, interpretativa e hermenêutica, que valoriza a subjetividade, a interpretação e a construção de significados pelos indivíduos. Isso o torna uma abordagem poderosa para explorar a complexidade das experiências humanas e compreender como os sujeitos constroem e atribuem significado às suas vidas.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As narrativas até aqui apresentados e analisados buscaram responder aos objetivos levantados, evidenciando os resultados obtidos ao longo da pesquisa bibliográfica. A pesquisa (auto)biográfica pode desempenhar o papel crítico do sujeito diante de sua própria história, contexto e dos acontecimentos decorrentes e vivenciados. O processo narrativo não significa criar ou inventar uma história, mas lembrá-la como parte de um processo reflexivo, ou seja, colocar o sujeito como protagonista de seu processo de formação, garantindo-lhe a possibilidade de revelar sua singularidade e verdade de maneira única.

Segundo Josso (2004), escrever sobre si significa explicitar a singularidade e, assim, vislumbrar o universal, perceber a natureza processual da formação e da vida, destacando espaços, tempos e as várias dimensões de nós mesmos, almejando assim uma sabedoria de vida.

Todavia, uma das críticas direcionadas ao método (auto)biográfico consiste em considerá-lo uma aposta científica que abarca dois aspectos surpreendentes: o primeiro envolve a subjetividade atribuída como um valor de conhecimento, uma vez que a realidade é interpretada a partir da perspectiva de um indivíduo historicamente determinado, enquanto a interação pessoal apresenta densidade e complexidade. No entanto, é a ausência de objetividade que, de fato, distingue o método (auto)biográfico das abordagens quantitativas e experimentais, visto que os elementos quantitativos desempenham um papel marginal e pouco relevante, dado que o método (auto)biográfico se baseia predominantemente em informações qualitativas.

Um segundo ponto a ser considerado é que, devido à sua natureza qualitativa, subjetiva e à ausência de estruturas de hipótese e verificação, o método (auto)biográfico se desvincula do paradigma epistemológico tradicionalmente adotado nas ciências sociais. No entanto, ele apresenta uma singularidade heurística que evita a concepção das biografias como meros materiais sobrepostos, ou seja, apenas como registros de conhecimento sociológico traduzidos em informações.

Para Martins e Anunciato (2018), a pesquisa (auto)biográfica aos poucos tem consolidado a legitimidade dos escritos subjetivos como fonte de pesquisa científica, a fim de promover a produção do conhecimento humano. O ato de autobiografia é de fato um grande aliado do ato de autorreflexão, é uma valorização de experiências que pode ser utilizada como objeto de estudo e se torna um método de construção do autoconhecimento, tendo como as próprias ações do sujeito.

Dessa forma, o sujeito como autor de si mesmo garante sua subjetividade ao abordar seu conhecimento como ferramenta de pesquisa que pode beneficiá-lo por meio das experiências abordadas. Nesse caso, o sujeito passa a se compreender de forma mais linear, no contexto da reflexão sobre suas ações. Josso (2012, p. 23) destaca que “este autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente

e perspicaz para orientar o futuro da sua realização e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos das suas opções”.

O propósito da autobiografia não é apenas contar si mesmo. Para Passeggi (2008, p. 27) “a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação”, ou seja, uma reflexão sobre o que foi vivenciado no contexto em que o sujeito está inserido. Dessa maneira, o processo de autobiografar consiste em ser um autor reflexivo e crítico de sua própria história. Portanto, falar sobre si mesmo nem sempre é fácil, mas escrever torna isso possível.

Passeggi (2008) aponta que esse exercício reflexivo revelou suas ambivalências e desafios, que colocam o autor/ator em regiões fronteiriças, em zonas mudas e descortinam o drama vivido que a escrita busca renascer. Assim, por meio do método de (auto)biografia o sujeito passa por um processo de aprimoramento e redefinição de sua escrita e assegura o autoconhecimento.

Freitas e Galvão (2007), afirmam que as narrativas autobiográficas oferecem a oportunidade de compreender o processo de formação profissional tanto dos indivíduos pesquisados quanto dos próprios pesquisadores. Segundo essas autoras, a reflexão sobre o passado pode ser um meio para desvelar explicações sobre os significados presentes nas ações que empreendemos. Essas ações são moldadas por trajetórias pessoais e profissionais entrelaçadas com outras pessoas, permitindo assim atribuir significado à nossa postura como educadoras e facilitadoras da formação de professores.

Nossas motivações estão voltadas para um contexto acadêmico, mais do que pessoal, embora reconheçamos a conexão e a integração entre a pessoa e o profissional (Moita, 1995). A utilização da narrativa autobiográfica está alinhada à ideia de que, ao compartilhar episódios de significado, somos capazes de analisá-los de maneira contextualizada, buscando destacar emoções, experiências ou momentos marcantes que antes poderiam passar despercebidos (Freitas; Galvão, 2007).

Assim, a pesquisa (auto)biográfica se estabelece como um fio que conecta o presente com o passado e, conseqüentemente, influencia o futuro e desempenha um

papel significativo na produção de conhecimento, pois segundo Souza (2006) trabalhar com autobiografia é assegurar que o que foi vivido tem a sua relevância.

O método (auto)biográfico é uma abordagem de pesquisa que envolve a análise e interpretação de narrativas pessoais, sejam elas autobiografias, memórias, diários ou outros relatos pessoais. Esse método é utilizado em diversos campos, como história, sociologia, psicologia, literatura, entre outros, para compreender a experiência individual e sua relação com contextos sociais, culturais e históricos mais amplos. Destaca-se alguns dos principais temas discutidos pelo método (auto)biográfico:

1. Identidade e Subjetividade: o método (auto)biográfico é frequentemente usado para explorar como a identidade e a subjetividade de um indivíduo são construídas e influenciadas por experiências de vida, contexto cultural, relações sociais e eventos históricos. Um exemplo dessa perspectiva pode ser analisado em Judith Butler, em sua obra: *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*, 2018.

2. Memória e História Pessoal: as narrativas (auto)biográficas oferecem insights sobre a forma como as pessoas lembram e reinterpretam eventos passados, contribuindo para a construção da memória individual e coletiva, bem como para a compreensão da história. Podemos destacar a obra *Tempo e narrativa*, de Paul Ricoeur (1994) a partir desta temática.

3. Cultura e Sociedade: ao analisar as narrativas pessoais, os pesquisadores podem investigar como as experiências individuais são moldadas pelas normas, valores e práticas culturais de uma sociedade, e como essas narrativas podem influenciar a cultura e a sociedade. Pierre Bourdieu categoriza essa temática em “*A distinção: crítica social do julgamento*”, 2007.

4. Gênero, Classe e Etnia: o método (auto)biográfico permite uma análise mais profunda das formas como gênero, classe, etnia e outras categorias sociais afetam as experiências de vida, bem como como os indivíduos negociam e constroem identidades nessas categorias. Anzaldúa (2012) discute esse tema a partir de suas experiências a experiência de viver na fronteira entre os Estados Unidos e o México, bem como a fronteira entre diferentes identidades culturais, linguísticas e de gênero. Ela cunha o

termo "mestiza" para descrever a complexidade de sua própria identidade e de outras pessoas que habitam essas zonas de fronteira cultural. Ainda aborda questões de língua e linguagem, destacando o uso do espanhol e do inglês em sua vida e como isso afeta sua identidade, analisando o papel do machismo e do sexismo em sua cultura e como isso influenciou sua identidade como mulher e lésbica.

5. Transformações e Transições: as narrativas pessoais muitas vezes revelam momentos de transformação, como migração, transições de vida, mudanças de carreira, etc. Esses momentos são explorados para entender como as pessoas se adaptam e enfrentam mudanças. William Bridges (2004) explora em sua obra as transições pessoais e profissionais que todos enfrentamos ao longo da vida. Ele oferece uma perspectiva valiosa sobre como enfrentar e compreender as mudanças em nossas vidas.

6. Empoderamento e Agência: ao narrar suas próprias histórias, as pessoas frequentemente reivindicam sua agência e poder, expressando como enfrentaram desafios e adversidades. Bell Hooks (2000) no livro "Feminism Is for Everybody: Passionate Politics" (tradução nossa: O Feminismo é para todos: política apaixonada), aborda questões de gênero, feminismo e igualdade de maneira clara e apaixonada. Ela busca desmistificar o feminismo, destacando sua importância na promoção da justiça social e da igualdade de gênero. A autora escreve em primeira pessoa, trazendo uma abordagem pessoal como característica distinta de sua escrita e contribui para a modernidade de suas obras, no que tange ao empoderamento.

7. Relações Interpessoais: o método (auto)biográfico permite explorar as complexas relações interpessoais e familiares, bem como como essas relações moldam as experiências e perspectivas individuais. A poetisa e ativista Maya Angelou (1969) escreveu várias obras autobiográficas, incluindo "I Know Why the Caged Bird Sings" (Eu sei por que o pássaro canta na gaiola, em tradução livre), que aborda sua própria vida e experiências pessoais, incluindo suas interações e relações com outros. Suas memórias exploram temas profundos relacionados às relações interpessoais, à família, à identidade racial e ao crescimento pessoal.

8. Política e Movimentos Sociais: narrativas (auto)biográficas também são usadas para entender o envolvimento político, participação em movimentos sociais e atitudes

em relação a questões sociais. Angela Davis é ativista política, acadêmica e autora que escreveu sobre suas experiências pessoais e seu envolvimento em movimentos sociais ao longo de sua vida. Seu livro "Angela Davis: An Autobiography" oferece uma visão (auto)biográfica de sua participação no Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos, sua militância em defesa dos direitos dos negros e sua atuação como ativista socialista. Davis também aborda questões de justiça social, racismo e encarceramento em suas obras autobiográficas, fornecendo uma perspectiva única sobre a política e os movimentos sociais de seu tempo.

9. Construção de Significados: as narrativas pessoais revelam como as pessoas atribuem significados às suas experiências e eventos, contribuindo para a compreensão das percepções individuais e coletivas do mundo. Viktor Frankl foi psicólogo e psiquiatra austríaco, conhecido por seu livro "Man's Search for Meaning" (Em Busca de Sentido), que é uma obra autobiográfica e filosófica. Neste livro, o autor narra suas experiências como sobrevivente dos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e como ele encontrou significado e propósito em meio ao sofrimento e à adversidade. A obra explora profundamente como os seres humanos constroem significados em suas vidas e como isso pode ser uma fonte de resiliência e esperança.

10. Reflexividade e Autoconhecimento: o método (auto)biográfico permite que os indivíduos reflitam sobre suas próprias vidas, promovendo o autoconhecimento e a autorreflexão. Paramahansa Yogananda (1978) em "Autobiography of a Yogi" (Autobiografia de um logue), explora temas profundos de espiritualidade, autorreflexão e busca de autoconhecimento. O livro narra a jornada de Yogananda em busca de realização espiritual e oferece insights sobre sua compreensão das profundezas da mente e da consciência humanas. Ele compartilha suas experiências com a meditação, o yoga e os ensinamentos espirituais, ao mesmo tempo em que apresenta sua busca por um maior entendimento de si mesmo e da natureza da existência.

Cite o autor ou autores que trazem esses temas da pesquisa autobiográfica

Em suma, o método (auto)biográfico é uma ferramenta poderosa para analisar a interação entre as experiências individuais e os contextos sociais, culturais e históricos

mais amplos, contribuindo para uma compreensão mais profunda da complexidade da vida humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas (auto)biográficas têm revelado diversas potencialidades e desafios como método de pesquisa. Elas possibilitam a compreensão profunda das trajetórias individuais, a análise da subjetividade e a conexão entre experiências pessoais e contextos sociais. No entanto, também enfrentam desafios relacionados à objetividade e à validade dos dados subjetivos.

De acordo com Nóvoa e Finger (2010), as narrativas (auto)biográficas permitem a construção de uma visão crítica da profissão docente, ao favorecer o olhar do professor sobre sua própria prática e história, possibilitando um entendimento mais amplo da realidade educacional. Isso demonstra a potencialidade do método em proporcionar insights profundos e autênticos sobre a experiência docente.

Por outro lado, Dominice e Josso (2014) alertam para o desafio da interpretação e validação dos relatos biográficos, pois as narrativas podem ser influenciadas pela memória seletiva e pela subjetividade do autor, o que pode afetar a precisão dos dados coletados.

Portanto, o método (auto)biográfico oferece oportunidades valiosas para compreender as experiências individuais no contexto da formação docente, mas requer atenção rigorosa à interpretação e à validação dos dados narrativos.

A abordagem (auto)biográfica exige uma relação de confiança entre os pesquisadores e os participantes, uma vez que os sujeitos estão compartilhando aspectos íntimos de suas vidas. Essa relação ética deve ser cuidadosamente cultivada para proteger os interesses dos participantes e garantir a integridade da pesquisa.

Em síntese, as narrativas (auto)biográficas oferecem um meio valioso para explorar a formação docente e outros aspectos da experiência humana. Ao capitalizar suas potencialidades e abordar seus desafios de maneira reflexiva e ética, os pesquisadores podem obter insights significativos que enriquecem a compreensão de fenômenos complexos e multifacetados.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. *In: ? Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 149-170, 2006.

ANGELOU, Maya. **I Know Why the Caged Bird Sings.** New York: Random House, 1969.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The new mestiza.** 4th edition. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BARREIRA, M. M.. A ABORDAGEM PÓS-METAFÍSICA E CONVERSACIONAL DO SELF EM RICHARD RORTY. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, n. 3, p. 26–33, set. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; OLIVEIRA, Mariza Soares. Pesquisa-formação, abordagem (auto)biográfica e acompanhamento: (re)construindo pontes entre a universidade e a escola. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. Anais...* Curitiba: PUCPR, 2011. p. 1380-1391.

BRIDGES, William. **Transitions: Making sense of life's changes.** Cambridge, MA. 2 ed. 2004.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, p. 185-195, 1997.

DAVIS, Angela. **Angela Davis: An Autobiography,** New York: Randon House, 1988.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras de l'indivíduo-projeto.** Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes Neto e Luis Passeggi. São Paulo: Paulus; Natal, RN: EDUFRN, 2008.

ESTRELA, Carlos. **Metodologia científica: ciência, ensino, pesquisa.** [S. l.]: Artes Médicas, 2018.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, António; FINGER, M. (orgs). O método (auto) biográfico e a formação.* Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, Viktor E. **Man's Search for Meaning**. Pocket Books, 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Local?: Editora Paz e Terra, 1996.

FRISON, L. M. B., DA VEIGA SIMÃO, A. M. Abordagem (auto) biográfica–narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 198-2006, 2011.

GALVÃO, Cecília. Narrativas Em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

HOOKS, Bell. **Feminism Is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge, MA :South End Press, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 19-31, 2012.

MARTINS, R. M., ANUNCIATO, R. M. M. Caminhos de aprendiz de professora: processos identitários em uma comunidade de aprendizagem online. **Educação em Revista**, v. 34, p. x-y, 2018.

MARTINS, Rosana Maria. **Aprendendo a ensinar: as narrativas autobiográficas no processo de vir a ser professora**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, A. (org.) *Vida de professores*. 2. ed. Portugal: Porto, 2000.

NÓVOA, A., FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Publicações Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 329-343, 2006.

PIZZANI, L., DA SILVA, R. C., BELLO, S. F., HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

RICOEUR, Ricoeur. **Tempo e narrativa** – Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus editora, 1994.

SOUZA, Elizeu Clementino. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. [Porto Alegre]: EDIPUCRS, 2006.

YOGANANDA, Paramahansa. **Autobiography of a Yogi**. Self-Realization Fellowship Publishers, 1978.

Daniel Markowicz - Doutor e Mestre em Educação na Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. Possui graduação em Estudos Sociais/História pelas Faculdades Integradas Espírita (1999), mestrado em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná (2010) e doutorado em DOUTORADO EM EDUCAÇÃO pela Universidade Tuiuti do Paraná (2019). Atua no campo da Ciência da Educação especialmente na área das Ciências Humanas. É professor concursado do Estado do Paraná e está Diretor do Colégio Estadual Anita Canet de Fazenda Rio Grande. No ensino superior é Professor na Graduação e Pós-Graduação do Centro Universitário Santa Cruz de Curitiba. Possui vasta experiência em Administração Pública Educacional e atuou como assessor na elaboração dos Planos Municipais de Educação de Fazenda Rio Grande e Lapa no Paraná.

Jorge Balsan – Doutorando em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialização em Teleinformática e Redes de Computadores (IFPR), Graduado em Análise de Sistemas (UCPEL). Com experiência na Área de Tecnologia, Governança de TI, Administração e Gestão Educacional.

José Simão de Paula Pinto - Graduação em análise de sistemas, administração e engenharia elétrica, é especialista em redes e sistemas distribuídos, mestre em informática e doutor em medicina, com foco em informática aplicada ao ensino e pesquisa em cirurgia. Atuou na iniciativa privada como técnico em eletroeletrônica, programador, analista de sistemas e de suporte, DBA, gerente de manutenção e gerente de teleprocessamento. Foi sócio-gerente em duas empresas (manutenção eletroeletrônica e informática médica). Concentra experiências em manutenção preventiva e corretiva de equipamentos digitais, modelagem de processos, planejamento e gestão de TI, administração de bancos de dados e em gestão de projetos. Colabora como avaliador do INEP (perfil TI), já elaborou itens no BNI-ENADE e atuou como certificador no ENEM. É professor titular na UFPR, onde foi diretor do Centro de Computação Eletrônica e coordenador da Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, e atualmente leciona e pesquisa temas voltados à ciência e gestão da informação, às tecnologias da informação, gestão de projetos e das tecnologias como vetor da gestão estratégica. Coordena o grupo de pesquisa em tecnologias e metodologias para a gestão da informação e do conhecimento, registrado no CNPq e certificado na instituição. Realiza pesquisas em: internet das coisas (IoT) e suas variantes; administração e análise de dados; privacidade, LGPD e questões éticas; informática médica, sistemas cognitivos e comunicação entre cérebro e computador (BCI/ BMI). Coordena projeto de extensão em TI aplicada e da programação de Arduino e MIT Inventor para crianças e jovens, alinhados às novas BNCC de pensamento computacional no ensino fundamental.

Rosane Balsan – Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas (1997), mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001) e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005). Criou e Coordenou o Programa de Extensão da Terceira Idade do Cassino da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (2007). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana, atuando principalmente nos

seguintes temas: Geografia do Turismo, Patrimônio Cultural e Geografia Regional. Atualmente é professora associada, nível 4, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional e Também coordenou e participou dos Projetos Financiados pelo MEC - ProExt 2009, ProExt 2010, ProExt 2011, ProExt 2015 (na linha temática de Preservação do Patrimônio Cultural Realizou o estágio pós-doutoral no projeto " A festa das novenas de Nossa Senhora das Mercês de Porto Nacional: patrimônio imaterial do estado do Tocantins", na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF - 2016). Coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e das Cidades - NEUCIDADES e responsável pelo Projeto Roteiro Geo-Turístico de Porto Nacional-TO. Participa das Redes: Rede de Pesquisadores de Turismo, Patrimônio e Políticas Públicas da Pan-Amazônia (TPP PAN-AMAZÔNIA) - UFPA e Rede Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação - REESCRITA e do Grupo de Pesquisa Paisagem Cutura e Território. Membro do Conselho Consultivo da Revista Brasileira de Ecoturismo.

Recebido para publicação em 21 de agosto de 2023.

Aceito para publicação em 31 de agosto de 2023.

Publicado em 14 de dezembro de 2023.